

CENTRO PRESBITERIANO DE PÓS-GRADUAÇÃO

ANDREW JUMPER

Cleber Macedo de Oliveira

**O RESGATE DA VIDA DE SANTIDADE PASTORAL NUM
CONTEXTO DEPRAVADO, OUTORGANDO
AUTORIDADE (CREDIBILIDADE) À PREGAÇÃO.**

São Paulo

2022

CENTRO PRESBITERIANO DE PÓS-GRADUAÇÃO

ANDREW JUMPER

Cleber Macedo de Oliveira

**O RESGATE DA VIDA DE SANTIDADE PASTORAL NUM
CONTEXTO DEPRAVADO, OUTORGANDO
AUTORIDADE (CREDIBILIDADE) À PREGAÇÃO.**

Monografia apresentada ao Centro Presbiteriano de Pós-graduação Andrew Jumper – CPAJ, como requisito parcial para obtenção do título de Magister Divinitatis, MDiv, na área de Estudos Pastorais. Orientador Professor Dario de Araújo.

São Paulo

2022

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da Mackenzie com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

O048r	<p>Oliveira, Cleber Macedo De. O resgate da vida de santidade pastoral num contexto depravado, outorgando autoridade (credibilidade) à pregação. : [recurso eletrônico] / Cleber Macedo de Oliveira. 82 KB ; il.</p> <p>Monografia (Magister Divinitatis) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2023. Orientador(a): Prof(a). Dr(a). Dario Araújo. Referências Bibliográficas: f. 38-39.</p> <p>1. Pastor. 2. Piedade. 3. Santificação. 4. Depravação. 5. Testemunho.. I. Araújo, Dario, orientador(a). II. Título.</p>
-------	--

Bibliotecário(a) Responsável: Eliezer Lírio Dos Santos - CRB 8/6779

Cleber Macedo de Oliveira

**O RESGATE DA VIDA DE SANTIDADE PASTORAL NUM
CONTEXTO DEPRAVADO, OUTORGANDO
AUTORIDADE (CREDIBILIDADE) À PREGAÇÃO.**

Monografia apresentada ao Centro
Presbiteriano de Pós-graduação Andrew
Jumper – CPAJ, como requisito parcial
para obtenção do título de Magister
Divinitatis, MDiv, na área de Estudos
Pastorais. Orientador Professor Dario de
Araújo.

Aprovação ____ / ____ / ____

Orientador: Professor Dario de Araújo

Folha de Identificação da Agência de Financiamento

Autor: **Cleber Macedo de Oliveira**

Programa: Magister Divinitatis (MDiv)

Título do Trabalho: O resgate da vida de santidade pastoral num contexto depravado, outorgando autoridade (credibilidade) à pregação.

O presente trabalho foi realizado com o apoio de:

- Instituto Presbiteriano Mackenzie / Isenção Integral das Mensalidades
- Instituto Presbiteriano Mackenzie / Isenção Parcial das Mensalidades

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
I - CAPÍTULO 1 - UM PROBLEMA SÉRIO: A CRISE DE ESPIRITUALIDADE (SANTIDADE) DO PASTOR CONTEMPORÂNEO E O ABANDONO DA VIDA DEVOCIONAL	9
1.1 - A luta do pastor contemporâneo contra o ativismo “profissional” do ministério	18
1.2 - A luta do pastor contemporâneo contra a procrastinação do tempo	20
II - CAPÍTULO 2 - PIEDADE PASTORAL PARA AUTORIDADE NA PREGAÇÃO DO SANTO EVANGELHO	22
2.1 - João Calvino e a piedade pastoral	22
2.2 - O pastor piedoso e a VOX DEI. Ministros piedosos e a pregação experiencial	26
III – CAPÍTULO 3 - RESGATANDO A PRÁTICA DA PIEDADE NO MINISTÉRIO PASTORAL	29
3.1 – Disciplinando sua vida devocional	31
3.2 - Disciplinando suas emoções	31
3.3 – Disciplinando sua luta contra o pecado	32
CONCLUSÃO	36
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	38

INTRODUÇÃO

O compromisso do ministro com a santidade, numa vida piedosa e devocional séria, sempre influenciou sua comunidade positivamente. Em contrapartida, seu descompromisso com a vida de piedade - num exemplo prático para a comunidade local - também influenciou a igreja à uma frouxidão moral, ao desprezo da sua vida devocional e, conseqüentemente, ao declínio espiritual. Basta que lembremos de períodos de liberalismo teológico, onde igrejas na Europa esvaziaram e se secularizaram. Infelizmente, onde ministros e igrejas flertaram com esse liberalismo, o desastre espiritual foi quase que irreparável.

Lê-se em Ezequiel 22:26: “Os seus sacerdotes transgridem a minha lei e profanam as minhas cousas santas; entre o santo e o profano, não fazem diferença...”. Ainda em Ezequiel 34:6: “As minhas ovelhas andam desagarradas por todos os montes e por todo o elevado outeiro; as minhas ovelhas andam espalhadas por toda a terra, sem haver quem as procure ou quem as busque”. A crise da nação de Israel estava nos seus líderes espirituais que não conduziam o povo à obediência. Lê-se em Oseias 4:6,9: “O meu povo está sendo destruído, porque lhe falta o conhecimento. Porque tu, sacerdote, rejeitaste o conhecimento, também eu te rejeitarei... por isso, como é o povo, assim é o sacerdote; castigá-lo-ei pelo seu procedimento e lhe darei o pago das suas obras”. Em Miqueias 3:5 se lê: “Assim diz o Senhor acerca dos profetas que fazem errar o meu povo e que clamam: Paz, quando têm o que mastigar, mas apregoam guerra santa contra aqueles que nada lhes metem na boca”. O alerta de Deus é claro em Zacarias 11:17: “Ai do pastor inútil, que abandona o rebanho!”. Judas diz destes pastores: “Estes homens são como rochas submersas, em vossas festas de fraternidade, banqueteadando-se junto sem qualquer recato, pastores que a si mesmos se apascentam...” (Jd. 12).

Este trabalho monográfico está dividido em três capítulos, onde o primeiro aborda sobre a crise de espiritualidade do pastor contemporâneo no abandono de sua vida devocional. O teólogo americano, Joel Beeke escreve: “Podemos exortar outras pessoas à santidade mas, como os fariseus, não nos movemos um centímetro nessa

direção. Charles Spurgeon chamou esse erro fatal de ‘ministerialismo’¹. Em outra parte, Beeke diz:

É impossível separar uma vida piedosa vibrante de uma vida espiritual vibrante e de um ministério orientado para Deus. A santificação de nosso próprio coração não é uma espécie de experiência de torre de marfim, mas uma necessidade absoluta – tanto pessoalmente quanto em relação ao nosso chamado como ministros do evangelho – se quisermos viver para glória de Deus².

O capítulo dois falará sobre a piedade pastoral para a autoridade na pregação do santo Evangelho. Para isso, será abordada a perspectiva de João Calvino na piedade pessoal, nas suas Institutas de religião, bem como a Palavra de Deus sendo VOX DEI (Voz de Deus). A tempo, será apresentada a proposta do resgate da pregação experiencial pelo pastor piedoso.

O capítulo três irá propor o resgate da piedade pastoral para credenciamento da autoridade do ministro do Evangelho, em três áreas correlatas, a saber, disciplinando a vida devocional, disciplinando as emoções e disciplinando a luta contra o pecado.

Este trabalho não tem por objetivo inocentar os membros das igrejas, colocando-os como simples vítimas de seus maus líderes, e purgando seus pecados pessoais. Entretanto, far-se-á necessário um olhar profundo para a Bíblia Sangrada, no Antigo e Novo Testamento, para se reconhecer o papel pastoral intrínseco na vida espiritual da comunidade.

¹ BEEKE, Joel, apud ARMSTRONG, John, *O ministério pastoral segundo a Bíblia*, Ec. Cultura Cristã, São Paulo, S.P., 2007, p.60.

² Ibidem, op. Cit.

CAPÍTULO 1

UM PROBLEMA SÉRIO: A CRISE DE ESPIRITUALIDADE (SANTIDADE) DO PASTOR CONTEMPORÂNEO E O ABANDONO DA VIDA DEVOCIONAL

A soteriologia é um estudo relevante para a teologia cristã, pois trata de uma forma prática dos principais pontos doutrinários da fé. Temas da *Ordem da Salvação*³, desde vocação geral até justificação e santificação, desafiam o cristão, como membro do Corpo de Cristo, a viver o monergismo e o sinergismo no plano de salvação. Ou seja, o que é ação de Deus e o que é responsabilidade humana nesse evento redentivo do ser humano? Dois textos bíblicos podem ilustrar isso melhor. O primeiro é Efésios 2:1,5,8: “Ele vos deu vida, estando vós mortos nos vossos delitos e pecados... estando nós mortos em nossos delitos e pecados, nos deu vida juntamente com Cristo, - pela graça sois salvos... porque pela graça sois salvos, mediante a fé; e isto não vem de vós; é dom de Deus”. As Escrituras falam claramente que a salvação é uma ação totalmente monergista, de Deus ao homem, onde este não tem nenhuma participação ativa no processo de salvação. Outro texto é o de Filipenses 2:12-13, que diz: “Assim, pois, amados meus, como sempre obedecestes, não só na minha presença, porém, muito mais agora, na minha ausência, desenvolvi a vossa salvação com temor e tremor; porque Deus é quem efetua em vós tanto o querer quanto o realizar, segundo a sua boa

³HOEKEMA, Anthony, *Salvos pela Graça*, pg. 17. Em 1737, Jacob Carpov, teólogo luterano, cunhou a frase *ordo salutis* (literalmente, ordem da salvação). Várias discussões tem-se levantado se realmente a Bíblia fornece uma ordem da salvação, e muitos teólogos, tanto Católicos Romanos quanto Protestantes, têm sugerido diversas “ordens da salvação”, antes e depois do tempo de Carpov. John Murray, em seu livro “Redenção – Consumada e Aplicada”, acredita que a Bíblia delineia uma definida ordem da salvação; ele acredita em uma ordem cronológica dos fatos. Ele diz: “... Existem boas e conclusivas razões para se crer que as várias ações na aplicação da redenção... tomam lugar dentro de uma certa sequência e que esta ordem é estabelecida por indicação, sabedoria e graça divinas”. Baseado em Romanos 8:30 e buscando outros textos na Bíblia, levam Murray a sugerir uma ordem bíblica da salvação, a saber: vocação, regeneração, fé e arrependimento, justificação, adoção, santificação, perseverança e glorificação (MURRAY, John, *Redenção – Consumada e Aplicada*, pg. 90). Não há uma ordem cronológica da *Ordo Salutis*, mas sim uma ordem lógica. Louis Berkof, em sua Teologia Sistemática, diz que se pode distinguir vários movimentos no processo, e que a obra de aplicação da redenção segue uma ordem definida e razoável (BERKHOF, Louis, *Teologia Sistemática*, pg. 416).

vontade”. Neste segundo texto encontramos o apóstolo Paulo protestando aos crentes a laborarem com ardor em sua salvação. Assim o homem, mais especificamente na santificação, não é um mero expectador, mas participa ativamente no progresso pela sua santidade.

Dentre os autores contemporâneos internacionais, pode-se citar o livro *Amado Timóteo* (Editora Fiel – 2011), organizado por Thomas K. Ascol. O livro aborda de forma fictícia uma coleção de cartas escrita por 20 pastores a um jovem pastor no início do seu ministério. Este se chama Timóteo, é casado com Mary e pai de uma criança de dois anos e meio e sua esposa espera mais uma criança. Cada capítulo aborda um problema do ministério pastoral, com sugestões de leitura em cada final de capítulo. Em seu capítulo 2, escrito por Conrad Mbeve, há diversos conselhos para o jovem pastor “Timóteo”, que representa todos os pastores. Ele diz:

De início, você pode se manter afastado fisicamente do adultério e roubo. Mas se você permitir que seu ministério, aos poucos, transforme-se numa propaganda de si mesmo, ou ainda deixar que seu coração fique invejoso do ministério dos outros homens, então não demorará muito para que você esteja finalmente arruinado. Se você se permitir olhar para pessoas do sexo oposto com sentimentos concupiscentes, mais uma vez esteja certo de que anda perigosamente próximo da queda. Timóteo, estes são os pecados que irão matar a espiritualidade e poder de seu ministério muito antes que qualquer pecado público seja visível às outras pessoas. Não há dúvida de que, para manter seu ministério vivo e ativo, ano após ano, você precisa se exercitar na piedade⁴.

O livro *O ministério pastoral segundo a Bíblia* (Ed. Mundo Cristão, 2007), é também uma compilação de vários pastores em atividades, organizado pelo Rev. John Armstrong. O organizador demonstra preocupação com o que tem sido pregado nos púlpitos americanos, onde milhões de pessoas se assentam dominicalmente para ouvirem mensagem pragmáticas e encorajadoras, mas que falam muito pouco sobre Jesus Cristo como Senhor e Salvador. Em um dos capítulos, Joel R. Beeke faz perguntas certas:

Por que uma vida piedosa é uma necessidade tão imperiosa para nós? Quais meios ou qual disciplina espiritual podemos usar para cultivar a santificação de nosso próprio coração na direção de Deus? O que deve nos motivar, na

⁴ ASCOL, Thomas K., (compilador), *Amado Timóteo*, Ed. FIEL, São José dos Campos, S.P., 2005, p. 37.

dependência do Espírito, a manter um viver santo em meio a ministérios desafiadores e cheios de atividades?⁵

Todo pastor sincero precisaria fazer estas mesmas perguntas, a fim de evitar as consequências drásticas do fracasso ministerial empobrecido pela falta de oração, leitura bíblica e santidade.

Um dos autores mais reconhecidos no mundo cristão pelo seu zelo pastoral é Eugene Peterson. Peterson tem se destacado nessa temática, principalmente com seus escritos de cunho pastoral, em sua experiência ministerial por mais de 40 anos: *Um pastor segundo o coração de Deus* (Editora Mundo Cristão, 2007), *O pastor desnecessário* (Editora Mundo Cristão, 2007), *O pastor que Deus usa* (Editora Mundo Cristão, 2008), *A vocação espiritual do pastor* (Editora Mundo Cristão, 2006) e *O pastor contemplativo* (Ed. Mundo Cristão – 2008). Combatendo a tendência empresarial, superficial e secularizada que tem aderido muitos ministros do evangelho, Peterson diz:

Os pastores estão abandonando seus postos, desviando-se para a direita e para a esquerda, com frequência alarmante. Isso não quer dizer que estejam deixando a Igreja e sendo contratados por alguma empresa. As congregações ainda pagam seus salários, o nome deles ainda consta no boletim dominical e continuam a subir ao púlpito domingo após domingo. O que estão abandonando é o posto, o chamado. Prostituíram-se após outros deuses. Aquilo que fazem e alegam ser ministério pastoral não tem a menor relação com atitudes dos pastores que fizeram a história nos últimos vinte séculos⁶.

Além desse aspecto do pastor empresário, o autor também fala do contexto pluralista que é forte tentação ao ministério pastoral, seduzindo muitos ministros do evangelho com meias verdades, levando tal ministério a um fracasso eminente (principalmente em *O Pastor desnecessário*)⁷.

A igreja sempre sofreu as pressões de uma sociedade que a cada dia se corrompe moralmente, desde o primeiro pecado até os dias atuais. Infelizmente, por causa dessa realidade depravada do ser humano, tem se levantado muitos escândalos dentro das cercanias eclesiásticas, a partir de seus líderes espirituais. Não são poucos os relatos e

⁵ ARMSTRONG, John (organizador), *O ministério pastoral segundo a Bíblia*, Ed. Cultura Cristã, São Paulo, S.P., 2007, p.60.

⁶ PETERSON, Eugene, *Um pastor segundo o coração de Deus*, Ed. Textus, Rio de Janeiro, R.J., 2001, p.1.

⁷ Certamente há críticas aos escritos de Peterson em outros títulos, como por exemplo, *A Mensagem* (uma paráfrase do Novo Testamento, 2006), que tem sido largamente combatida e criticada nos Estados Unidos. Mas não é nossa intenção neste trabalho outras obras que não sejam de cunho pastoral desse autor.

descobertas de escândalos sexuais (adulterios, pedofilia, homossexualismo etc) de muitos sacerdotes cristãos pelo mundo a fora. O conferencista Jaime Kemp, em seu livro *Pastores em Perigo*, cita uma pesquisa da revista Americana *Christianity Today*; esta revista desenvolveu uma pesquisa de questionário confidencial entre pastores dos Estados Unidos, baseado em três questões:

- 1- Durante o tempo em que está no ministério da igreja local, já teve algum comportamento que consideraria sexualmente inadequado... considere algo entre flertar até adultério propriamente dito (SIM – 23% NÃO – 77%).
- 2- Você já teve algum contato sexual com alguém (que não sua esposa), desde que está no ministério da igreja local? (SIM – 12% NÃO – 88%).
- 3- Você já teve algum contato sexual com alguém (que não sua esposa), desde que está no ministério? Ex: beijo apaixonado, carícias, masturbação mútua etc.(SIM – 18% NÃO – 82%)⁸

Esses índices poderiam até ser considerados pequenos, mas nunca insignificantes, pois se tratam de ministros do Evangelho de Jesus Cristo. Personalidades evangélicas da mídia televisiva se envolveram em muitos escândalos morais, trazendo um ambiente de permissividade, “frouxidão” moral e espiritual entre os liderados⁹. A sociedade tem presenciado escândalos financeiros das igrejas *Universal do Reino de Deus* e *Renascer em Cristo*, onde foi provado enriquecimento ilícito de seus ícones nacionais¹⁰. Tem se testemunhado publicamente o abuso da exploração da fé dos incautos por líderes mercenários, numa demonstração clara de extorsão, sem nenhum princípio ético e de respeito pelo próximo. Essa é apenas uma faceta do pano de fundo do cenário evangélico brasileiro¹¹. A Revista *Época*, em sua edição de 07 de agosto de 2010, traz em sua capa o título “Os novos evangélicos”, abordando as transformações da igreja evangélica brasileira. De um lado, grupos conservadores buscam um resgate do que eles entendem ser o verdadeiro cristianismo. Do outro lado se encontram grupos evangélicos que estão cedendo às tentações das heresias contemporâneas, como a teologia da prosperidade.

⁸ KEMP, Jaime, *Pastores em Perigo*. Ajuda para o pastor, esperança para a Igreja, São Paulo, S.P., Ed. SEPAL, 1995, p. 39-40.

⁹ Talvez um dos maiores escândalos sexuais envolvendo uma personalidade mundialmente conhecida tenha sido do pr. Jimmy Swagart. No Brasil, um dos maiores ícones da fé evangélica, o pastor presbiteriano Caio Fábio de Araújo Filho, também se envolveu em escândalo parecido, trazendo grande frustração e decepção em muitos protestantes no triste período histórico do ocorrido.

¹⁰ Revista “VEJA”, Edição 1964. **12 de julho de 2006**. Com o título “O pastor é Show”, a revista VEJA disse: “Com menos ênfase no sobrenatural e mais investimento em técnicas de autoajuda, a nova geração de pregadores evangélicos multiplica o rebanho protestante e aumenta a sua penetração na classe média”.

¹¹ É preciso ressaltar que esses movimentos televisivos não representam a totalidade da igreja evangélica brasileira; antes, é uma parcela significativa da igreja que está na mídia, mais particularmente pentecostais e neopentecostais. Entretanto, essas estruturas serão mais detalhadas no corpo do trabalho.

A revista, em constatação dos índices do IBGE, revela os números dos evangélicos no Brasil:

Estima-se que haja cerca de 46 milhões de evangélicos no Brasil. Seu crescimento foi seis vezes maior do que a população total desde 1960, quando havia menos de 3 milhões de fiéis espalhados principalmente entre as igrejas conhecidas como históricas (batistas, luteranos, presbiterianos e metodistas). Na década de 1960, a hegemonia passou para as mãos dos pentecostais, que davam ênfase em curas e milagres nos cultos de igrejas como Assembleia de Deus, Congregação Cristã no Brasil e O Brasil Para Cristo. A grande explosão numérica evangélica deu-se na década de 1980, com o surgimento das denominações neopentecostais, como a Igreja Universal do Reino de Deus e a Renascer. Elas tiraram do pentecostalismo a rigidez de costumes e a ele adicionaram a “teologia da prosperidade”. Há quem aposte que até 2020 metade dos brasileiros professará à fé evangélica¹².

Entretanto, a reportagem não esconde uma verdade óbvia: nem todos os evangélicos estão satisfeitos com esse crescimento. No decorrer da reportagem, alguns líderes evangélicos apresentam suas queixas com relação aos novos movimentos. A igreja Willow Creek, de Chicago, trabalhava sob o mote de ser “uma igreja para quem não gosta de igreja” desde o início dos anos 1970. Em São Paulo, 20 anos depois, o pastor Ed René Kivitz adotou o lema para sua Igreja Batista, no bairro da Água Branca – e a ele adicionou o complemento “e uma igreja para pessoas de quem a igreja não costuma gostar”¹³. A revista *Época* comenta sobre Ed René:

Kivitz é atualmente um dos mais discutidos pensadores do movimento protestante no Brasil e um dos principais críticos da “religiosidade institucionalizada”. Durante seu pronunciamento num evento para líderes religiosos no final de 2009, Kivitz afirmou: “Esta igreja que está na mídia está morrendo pela boca, então que morra. Meu compromisso é com a multidão agonizante, e não com esta igreja evangélica brasileira”¹⁴

“*Época*” também comentou a opinião do pastor presbiteriano Ricardo Quadros Gouveia: “As instituições estão todas sub judice... Ninguém tem dúvida de que espiritualidade é uma coisa boa ou que educação é uma coisa boa, mas as instituições que as representam estão sob suspeita.” Uma das saídas propostas por esses pensadores é despir tanto quanto possível os ensinamentos cristãos de todo aparato institucional. Segundo eles, a igreja protestante (ao menos sua face mais espalhafatosa e conhecida) chegou ao novo milênio tão encharcada de dogmas, tradicionalismos, corrupção e

¹² *ÉPOCA*, Revista, edição de 07 de agosto de 2010. <http://estrangeira.wordpress.com/2010/08/07/revista-epoca-os-novos-evangelicos/>. Acesso em: 5 de julho de 2012.

¹³ *Ibid. op. cit.*

¹⁴ *Ibid, op. cit.*

misticismo quanto a Igreja Católica que Martinho Lutero tentou reformar no século XVI¹⁵.

A revista é coerente quando apresenta as conclusões desses pensadores cristãos, pois mostram que nem todos os cristãos estão satisfeitos com o crescimento rápido dos movimentos evangélicos. A verdade é que tais crescimentos, muitas vezes, são resultados de estratégias de mídia do que uma ação sobrenatural na vida do pecador. Como resultado, muitas dessas igrejas evangélicas, que deveriam curar as feridas em nome de Deus, ferem muito mais em nome de Deus. Essa é a opinião registrada pela revista *Época* de Marília Camargo:

A jornalista (evangélica) Marília Camargo César publicou no final de 2008 o livro *Feridos em nome de Deus* (Editora Mundo Cristão), sobre fiéis decepcionados com a religião por causa de abusos de pastores. O teólogo Augustus Nicodemus Lopes, chanceler da Universidade Presbiteriana Mackenzie, publicou o livro *O que estão fazendo com a Igreja: ascensão e queda do movimento evangélico brasileiro* (Mundo Cristão), retrato desolador de uma geração cindida entre o liberalismo teológico, os truques de marketing, o culto à personalidade e o esquerdismo político¹⁶.

Não se pode negar que há uma crise de integridade na liderança, secular e religiosa, quase que generalizada no mundo. São escândalos morais e éticos em que estão mergulhados grandes personalidades do globo¹⁷. No âmbito protestante, há também uma crise de integridade no meio pastoral. Jaime Kemp diz que “A igreja brasileira padece terrivelmente sob a influência nefasta da escassez de integridade, seja a nível moral, no abuso do poder pastoral, enquanto líder agindo inadequadamente, ou na vertiginosa e constante queda dos relacionamentos familiares entre a liderança”¹⁸. Os

¹⁵ ÉPOCA, Revista, edição de 07 de agosto de 2010. <http://estrangeira.wordpress.com/2010/08/07/revista-epoca-os-novos-evangelicos/>. Acesso em: 5 de julho de 2012.

¹⁶ *Ibid, op. cit.*

¹⁷ Entre os nomes mundialmente conhecidos, podemos citar Bill Clinton, que em 1998, e o escândalo sexual com a estagiária da Casa Branca Mônica Lewinsky. Na Itália, em 2010, o presidente da *Conferência Episcopal Italiana* (CEI), o cardeal Ângelo Bagnasco, disse que a sociedade italiana assiste “afrita” ao escândalo sexual em que está envolvido o primeiro-ministro, Silvio Berlusconi, e que se percebe um evidente “mal-estar moral”¹⁷. Ou ainda o episódio que envolveu o Rabino Chefe do Rabinato Paulista, e presidente da *Congregação Israelita Paulista*, Henry Isaac Sobel, que em 2007, na Flórida (EUA) roubou gravatas em uma loja de grife. Também pode ser lembrado o **surgimento de filhos do presidente do Paraguai Fernando Lugo. São 5 denúncias exigindo paternidade enquanto Lugo ainda era bispo católico.**

¹⁸ KEMP, Jaime, *Pastores em perigo*, p. 47.

constantes escândalos ministeriais têm enfraquecido a credibilidade do cristianismo e influência dos ministros evangélicos e, conseqüentemente, da Igreja evangélica no Brasil.

Junto a todos esses problemas elencados no parágrafo anterior, essa crise de integridade tem levado muitos ministros do evangelho a desprezarem aquilo que é fundamental na preservação da santidade: uma vida piedosa sadia. Os constantes compromissos do pastor, o grande ativismo em que vive a sociedade e ativismo esse que também atinge a igreja contemporânea, têm feito muitos líderes trocarem o imprescindível pelo secundário. Tais pastores têm trocado a vida de oração pelo ativismo, têm trocado a leitura diária da Bíblia por leituras que a eles são mais interessantes, têm trocado a integridade pelo oportunismo.

Na revista *Cristianismo Hoje*, edição 28, ano 5, abril e maio de 2012, encontra-se uma reportagem de capa, cujo título é: *Pastores Feridos – Por que cada vez mais líderes estão abandonando o ministério?* Segundo a revista é registrado por várias denominações brasileiras o afastamento de ministros do evangelho por vários motivos, desde pentecostais a tradicionais:

Uma das maiores denominações pentecostais do país, a Igreja do Evangelho Quadrangular (IEQ), com seus 30 mil ministros filiados – entre homens e mulheres – registra uma deserção de cerca de 70 pastores por mês...a própria IPI (Igreja Presbiteriana Independente)...conta com cerca de 500 igrejas no país e 690 pastores registrados – teria hoje algo em torno de 50 ministros licenciados, número registrado em relatório de 2009...quase dez por cento do corpo de pastores ativos¹⁹.

Ainda segundo a entrevista, o pastor Gedimar Araújo, pastor da Igreja Evangélica Ágape em Santo Antônio (ES) e líder nacional do Ministério de Apoio aos Pastores e Igrejas (MAPI), traça quatro principais razões que podem ser cruciais para a desmotivação e o abandono do ministério: “Ativismo exagerado, que não deixa tempo para a família ou o descanso; vida moral vacilante, que abre espaço para a tentação na área sexual; feridas emocionais e conflitos não resolvidos; e desgaste com a liderança, enfrentando líderes autoritários e que não cooperam”²⁰.

Nos Estados Unidos a situação não é diferente. O Instituto Francis Schaeffer revelou que, no último ano, cerca de 1,5 mil pastores têm abandonado seus ministérios todos os meses por conta de desvios morais, esgotamento espiritual ou algum tipo de

¹⁹ CRISTIANISMO HOJE, revista, Ed. 28, ano 5, abril a maio 2012, p. 19.

²⁰ CRISTIANISMO HOJE, p. 21.

desavença na igreja. Numa pesquisa do Instituto Schaeffer, 57 dos pastores ouvidos admitiram que deixariam suas igrejas locais, mesmo se fosse por um trabalho secular, caso tivessem oportunidade. E cerca de 70% afirmam sofrer depressão e admitem só lera Bíblia quando preparam suas pregações²¹. Abaixo é destacado um quadro da situação ministerial nos Estados Unidos:

- 70% dos pastores admitem sofrer de depressão e estresse.
- 80% deles sentem-se despreparados para o ministério.
- 70% afirmam só ler a Bíblia quando precisam preparar seus sermões.
- 40% já tiveram casos extraconjugais.
- 30% reconhecem ter reduzido as próprias contribuições às igrejas após a crise financeira.

... e avaliou as consequências disso:

- 1,5 mil pastores deixam o púlpito todos os meses.
- 5 mil religiosos buscavam emprego secular no ano de 2009, mais do que o dobro do que ocorria em 2005.
- 2 a 3 anos de ministério é o tempo médio em que os pastores deixam suas igrejas, sendo em direção a outras denominações ou não²².

Esse é um quadro preocupante em todo o globo. Estes ministros do evangelho não só têm trazido sobre suas vidas uma crise espiritual como têm levado a igreja a não valorizar uma vida devocional pessoal, levando – consequentemente – a uma frouxidão moral. Richard Baxter, em sua obra *Manual pastoral de Discipulado*, já dizia aos pastores de sua época:

Não desmintam com a vida aquilo que dizem com a língua, pois este é o maior empecilho para o sucesso verdadeiro do seu trabalho. É grande impedimento à obra quando homens, durante a semana inteira e em privado, contradizem aquilo que pregamos publicamente da Palavra de Deus, pois não estamos ali para expor e conter tal loucura. Entretanto, maior impedimento há quando seus atos e atitudes contradizem sua língua. Se os senhores edificam com a boca durante uma hora ou duas horas em um ou dois dias, veja que não destruam tudo com as próprias mãos durante o restante da semana²³.

²¹ CRISTIANISMO HOJE, p. 20.

²² CRISTIANISMO HOJE, revista, Ed. 28, ano 5, abril a maio 2012, p. 20. Fonte: Barna Group, Christian Post, The Wall Street journal, Instituto Francis A. Schaeffer e Instituto Jetro.

²³ BAXTER, Richard, *Manual Pastoral de Discipulado*, São Paulo, S.P., Ed. Cultura Cristã, 2008. Baxter nasceu em 12 de novembro de 1615, e sua obra teve o título inicial de “Gildas Salvianus: The Reformed Pastor”. O propósito dessa obra era duplo: o preparo pessoal do pastor e seu pastoreio para com a comunidade. Foi preparado para o dia de humilhação observado em Worcester, 4 de dezembro de 1655, pelos ministros do condado. Nesse tempo, Baxter era mestre da Igreja em Kidderminster.

Entretanto, engana-se quem pensa que a preocupação para a vida piedosa do ministro é um problema recente. Quando se faz uma pesquisa mais profunda na história da igreja cristã, este é um tema que sempre inquietou grandes líderes cristãos da história. Faz-se necessário, então, lembrar alguns desses nomes.

As obras de J. C. Ryle (1816-1900) sempre evidenciaram o caráter de um pastor firme em suas convicções doutrinárias, mas também piedoso e amoroso com sua comunidade. Seus 40 anos de ministério antes do bispado em Liverpool (1880). Dentre suas obras mais importantes, destaca-se *Santidade, sem a qual ninguém verá o Senhor* (Primeira edição em inglês foi em 1879). Sua primeira edição em português foi em 1987 e sua edição completa foi mais recente, em 2009, pela Editora Fiel. Logicamente, o objetivo do autor neste livro não enfoca diretamente os ministros do evangelho, como as demais obras citadas nesse trabalho; mas, evidencia que todos, quer ministros quer membros das comunidades, precisam lutar pela santidade em suas vidas. Ryle diz:

A santificação é aquela operação espiritual interna que o Senhor Jesus Cristo realiza em uma pessoa pelo Espírito Santo, quando Ele a chama para ser um crente verdadeiro. Ele não somente a lava dos seus pecados, mediante o seu próprio sangue, como também a separa de seu apego natural ao pecado e ao mundo, colocando um novo princípio em seu coração e tornando-a piedosa na vida prática²⁴.

Outro autor é de Richard Baxter. Este foi um dos grandes nomes da teologia e prática pastoral do século XVII, particularmente na Inglaterra. Uma de suas principais obras foi *The Reformed Pastor* – conhecida no Brasil como *Manual pastoral de Discipulado* (1656 – Reeditado pela Cultura Cristã em 2008). Citando a obra de Cláudio Marra acerca de Richard Baxter, Solano Portela diz:

Nestas páginas temos uma vívida apresentação dos métodos de Baxter. Estes foram construídos em cima de uma profunda convicção dessa tarefa disciplinadora da igreja, e consistia de poderosa pregação e cuidadosa catequese, conjugada ao trabalho com pequenos grupos. Apoiando a instrução nas pregações do meio da semana, bem como aplicando coerentemente a disciplina eclesiástica, Baxter liderava tudo isso sem esquecer da ministração amorosa às necessidades físicas da congregação²⁵.

A obra de Richard Baxter evidencia o caráter de um pastor que buscava Deus em todos os momentos de sua caminhada pastoral. J. I. Packer, falando sobre a vida de Baxter diz: “A principal contribuição de Baxter foi a de melhorar a prática da instrução

²⁴ RYLE, J. C., *Santidade sem a qual ninguém verá o Senhor*, Ed. FIEL, São José dos Campos, S.P., 2009, p. 44.

²⁵ Fides Reformata, VOL. XII, 2007, p. 142 – Solano Portela, resenhando Claudio Marra em sua obra MARRA, Cláudio Batista. A igreja disciplinadora. São Paulo: Cultura Cristã, 2007. 160 p.

e orientação personalizada pessoal – um método simples de educação escolar como ingrediente permanente no cuidado pastoral de todas as idades. Foi tal preocupação com o discipulado que trouxe à luz este livro”²⁶. Baxter mostra a preocupação para com a vida devocional do ministro do evangelho quando diz:

...é importante que comecem a tomar cuidado de si mesmos e dos outros, a partir de casa. Pregar bem poderá ser útil e possível para a salvação de outros; mas, sem a santidade do próprio coração e da vida, será impossível que o pastor seja, ele mesmo, salvo... se formos pastores só de língua e título, sem a imagem divina em nossa alma, sem nos entregarmos à honra e vontade divinas, estaremos separados da divina presença e não desfrutaremos Deus para sempre²⁷.

Outro autor que chama atenção quanto à sua preocupação com o ministério pastoral foi Charles H. Spurgeon, principalmente em sua série de livros pastorais, *Lições aos meus alunos* - preleções dadas nas sextas-feiras à tarde àqueles que estudavam em sua Escola Bíblica (The Pastors' College). O volume 2 contém treze capítulos da obra *Lectures To My Students*, talvez a mais conhecida de todas as publicações do "príncipe dos pregadores". Já no primeiro capítulo cita o texto de I Timóteo 4:16: “Tem cuidado de ti mesmo e da doutrina”. Ele faz uma citação de M'Cheyne, escrevendo a um colega de ministério que estava no exterior para aprender o alemão:

Sei que você se aplicará arduamente ao alemão, mas não se esqueça de cultivar o homem interior – quero dizer, o coração. Quão diligentemente o oficial da cavalaria conserva limpo e afiado o seu sabre; qualquer mancha ele a remove com o maior esmero. Lembre-se de que você é a espada de Deus. É Seu instrumento – espero, vaso escolhido para Ele, para levar o Seu nome. Em grande medida, o sucesso será de acordo com a pureza e perfeição do instrumento. Deus abençoa não tanto a talentos, como à semelhança com Jesus. O ministro santo é temível arma na mão de Deus²⁸.

1.1 - A luta do pastor contemporâneo contra o ativismo “profissional” do ministério

²⁶ <http://www.editoraculturacrista.com.br/produtos.asp?codigo=38>. Acesso em: 11 de setembro de 2012.

²⁷ BAXTER, Richard, *Manual pastoral de discipulado*, Ed. Cultura Cristã, São Paulo, S.P., 2008, p. 53,54.

²⁸ SPURGEON, R. C., *Lições aos meus alunos*, vol. 2, Ed. PES, São Paulo, S.P., 1990, p. 2.

A proposta de um retorno à vida devocional do pastor, um ministério menos profissional e com maior dependência de Deus pode também ser verificado no livro de John Piper. Ele diz:

“Nós, pastores, estamos sendo massacrados pela profissionalização do ministério pastoral. A mentalidade do profissional não é a mentalidade do profeta. Não é a mentalidade do escravo de Cristo. O profissionalismo não tem nada que ver com a essência e o cerne do ministério cristão. Quanto mais profissionais desejamos ser, mais morte espiritual deixaremos em nosso rastro. Pois não existe a versão profissional do “tornar-se como criança” (Mt 18.3); não existe compassividade profissional (Ef 4.32); não existem anseios profissionais por Deus (Sl 42.1). No entanto, nossa primeira atividade deve ser ansiar por Deus em oração. Nossa atividade é chorar por nossos pecados (Tg 4.9)²⁹

Diante de uma sociedade cada vez mais exigente, tal cobrança tem adentrado aos gabinetes pastorais, pressionada por uma liderança que vê a igreja mais como uma empresa do que uma agência do Reino de Deus. Por conta disso, toda performance do ministro transmutou-se numa produção visual profissional, do vestuário à fachada da igreja. A demanda diária do pastoreio tem pressionado muitos ministros do evangelho a viver uma “aparência de vencedor”, ou então de um “super crente ungido”, com o objetivo de atrair mais adeptos para sua comunidade.

Contudo, essa venda de uma imagem profissional destoa com o conteúdo da Bíblia quanto aos ministros de evangelho. O apóstolo Paulo, certamente, foi o que mais sofreu diante de seus opositores, questionando seu apostolado e tendo muitas vezes resistência quanto a sua presença em determinados campos, que ele mesmo plantou. Em Corinto, chegaram até a exigir dele carta de recomendação (II Co. 3:2). Em outro lugar, Paulo cita que os pregadores foram colocados em último lugar no mundo (I Co. 4:9-13). Perceba que a Bíblia apresenta o pastor de forma bem diferente daquilo que é exigido nos dias hodiernos. Em II Coríntios 11 Paulo traz uma lista de adversidades que ele enfrentou por conta do Evangelho de Jesus Cristo. E em II Timóteo 3:12 ele diz categoricamente que todos quantos querem viver piedosamente em Cristo Jesus serão perseguidos.

Por conta desta visão distorcida do ministério, muitos pastores estão trocando a glória eterna pelas honrarias e bajulações mundanas. Entretanto, quando isso se faz, tal pastor trai seu chamado e não cumpre com fidelidade a sua missão. Por isso há tantos problemas de vocação, acompanhado de motivações mundanas, financeiras e até de

²⁹ PIPER, John, Irmãos, nós não somos profissionais, Ed. Vida Nova, 2009, p.16.

pura vaidade. Não é de se estranhar que vários pastores têm abandonado o ministério, e em situações extremas, dão cabo da própria vida. Piper diz:

A profissionalização do ministério é uma constante ameaça à ofensa do evangelho. É uma ameaça à natureza profundamente espiritual do nosso trabalho. E tenho visto com frequência: que o amor do profissionalismo (em paridade com os profissionais do mundo) mata a crença do homem de ter sido enviado por Deus para salvar as pessoas do inferno e para torná-las glorificadores de Cristo, estrangeiros espirituais no mundo. O mundo estabelece a agenda do homem profissional; Deus estabelece a agenda do homem espiritual³⁰.

Contribuindo com a acertada constatação de Piper, na obra “Amado Timóteo”, Thomas K. Ascol diz:

Um dos grandes perigos do ministério é o profissionalismo. Como você logo irá descobrir, um pastor pode se tornar competente na realização do seu trabalho. Assim como nas demais profissões, certas habilidades podem ser desenvolvidas e aprimoradas no ministério do evangelho. Um pastor pode se tornar tão proficiente em seu ministério público, que os outros o considerarão alguém de muito sucesso. Mas, quando a mentalidade do “profissionalismo” conquista um pastor, seu coração irá inevitavelmente começar a ser negligenciado. E o coração é a ferramenta fundamental de qualquer pastor³¹.

Um pastor que não guarda seu coração quanto a estas questões, certamente estará realizando seu ministério numa condição muito mais profissional do que espiritual. E o pior, tal pastor confundirão sucesso profissional com a bênção de Deus. O pastor precisa entender que, antes de tudo, ele também é um discípulo do Senhor Jesus. A auto confiança, oriunda de sua competência, sempre foi e sempre será um laço diabólico, que te destruído muitos homens de Deus.

Outro autor que traz uma contribuição sobre este assunto é Paul Tripp, em seu livro “Vocação Perigosa”. Tripp fala:

No ministério, é bem fácil ceder a uma redefinição sutil, mas significativa, do que a maturidade espiritual é e faz. Essa definição tem as suas raízes em como pensamos sobre o que o pecado é e o que ele faz. Penso que muitos pastores levam para o seu ministério pastoral uma definição falsa de maturidade que é resultado da aculturação acadêmica que tende a se alojar no seminário... é bem fácil para os estudantes comprar a ideia de que a maturidade bíblica diz respeito à precisão do conhecimento teológico e à integralidade da sua capacidade de compreensão bíblica. Assim, os graduados no seminário, que são peritos em Bíblia e em teologia, têm a inclinação de pensar sobre si como pessoas maduras...Não, maturidade tem a

³⁰ PIPER, John, *Irmãos, nós não somos profissionais*, p.18.

³¹ ASCOL, Thomas k., *Amado Timóteo*, p. 22.

ver com o modo como você vive a sua vida. É possível ser um ótimo conhecedor da Bíblia e necessitar de significativo crescimento espiritual³².

Eis o perigo do ativismo profissional do ministério, sem uma priorização da vida piedosa. Faz-se necessário uma profunda reflexão sobre este assunto ao pastor contemporâneo, antes que o mesmo seja engolido pelo ativismo do nosso tempo.

1.2 – A luta do pastor contemporâneo contra a procrastinação do tempo

Se o pastor contemporâneo não prioriza a piedade, certamente priorizará outros “entretenimentos”, que o levarão a procrastinação do tempo em detrimento de uma prática devocional piedosa. Assim, seu precioso tempo é furtado à devaneios desnecessários frente a sua grande responsabilidade como líder do rebanho de Cristo.

Santos escreveu um oportuno artigo sobre o risco ao pastorado em tempo de pandemia. Em uma parte do artigo, referindo-se ao **desperdício de horas nas atividades online que, além de não estarem relacionadas ao ministério, podem alimentar práticas pecaminosas**, ele diz:

Naturalmente o pastor passou a consumir mais tempo com mídias sociais, postagens, navegações, interações por meio de plataformas online e, dessa maneira, as horas do seu dia são consumidas à frente da tela que o conecta com sua congregação e com o mundo. Mas é justamente essa última conexão (com o mundo) que muitas vezes pode levá-lo a gastar o seu tempo pecaminosamente³³.

³² TRIPP, Paul, *Vocação Perigosa*, Ed. Cultura Cristã, São Paulo, SP., 2014, p. 20.

³³ <https://voltemosaoevangelho.com/blog/2021/03/riscos-ao-pastorado-em-tempos-de-pandemia/>. Acesso em: 05 de outubro de 2022.

CAPÍTULO 2

PIEIDADE PASTORAL PARA AUTORIDADE NA PREGAÇÃO DO SANTO EVANGELHO

A piedade é o conjunto de atos de santidade, de adoração ao sagrado. Assim, a piedade está diretamente ligada à vida de santidade. Por santidade trazemos as seguintes definições: *Santidade // Santificação* - No Antigo Testamento, as palavras correspondentes para santificar é *qadash*:

לְקַדַּשׁ

em que o verbo é empregado em várias formas. No Novo Testamento, o correspondente a *qadosh*:

ἁγιάζω

é *αγιος* e seus derivados. Seu primeiro derivado é *αγιασμος* (também traduzido como “santificação” e ligado com o adjetivo *αγιος*, traduzido como “santo”, e o verbo *αγιαζω*, traduzido como “santificar”).

O vocábulo santidade será usado neste trabalho com as seguintes ideias: Primeiro, *separação da prática do pecado do mundo*, em que o homem se distancia do profano e se aproxima do santo (Rm. 6:4,5). Em segundo lugar, *Consagração ao Serviço de Deus*, em que o homem é totalmente dedicado a Deus. Não se pode definir santidade pelo simples fato de não fazer coisas más e fazer coisas boas. Na Bíblia, além de separação, requer-se total dedicação a Deus (I Pe. 1:15, 16; Ef. 5:25, 26)³⁴.

Segundo o Novo Dicionário da Bíblia, organizado por J. D. Douglas, a palavra “piedade” chegou pelo latim *pietas* (piedade filial)³⁵. No grego, o verbo *eusebeô* (*ευσεβειω*) é traduzido por “piedade”, e significa realização de atos de adoração religiosa (At. 10:2; I Tm. 3:16; II Tm. 3:12). Essa palavra, muito usada por Calvino em

³⁴ HOEKEMA, Anthony, *Salvos pela Graça*, pg. 201.

³⁵ DOUGLAS, J. D. (organizador), *O Novo Dicionário da Bíblia*, São Paulo, S.P., Ed. Vida Nova, 1997, p. 1284.

seus escritos, será usada com a ideia de prática de adoração pessoal cristã, culto a Deus e obediência reverente prestada às suas leis. J. D. Douglas apresenta uma síntese dessa piedade à luz da Bíblia:

Uma análise completa da piedade, segundo o Novo Testamento, incluiria a expressão prática da fé numa vida de arrependimento, de resistência às tentações, de pecado mortificado; e igualmente em hábitos de oração, ações de graças e observância reverente da Ceia do Senhor; no cultivo das virtudes de esperança, amor, generosidade, alegria, domínio próprio, resignação paciente e contentamento; na busca da honestidade, da retidão humanas; no respeito pela autoridade divinamente constituída, na Igreja, no estado, na família e no lar. Todas essas atitudes e práticas são recomendadas por Deus, e O glorificam”³⁶.

II.1 – João Calvino e a piedade pastoral

Os escritos de João Calvino são riquíssimos no tema da vida de piedade, a começar das suas *Institutas*, que foi um tratado à piedade. Outras obras suas também possuem grande preocupação quanto à piedade cristã, como sua exposição das cartas pastorais e, mais particularmente, suas cartas aos pastores perseguidos pelo evangelho na Europa dominada pelo catolicismo romano. O contexto de João Calvino era de grandes perseguições aos protestantes. Apesar de tudo isso, Calvino foi um pastor dedicado ao seu rebanho e um discipulador e professor exemplar, transformando Genebra numa academia da fé para muitos líderes protestantes que sofriam perseguições em seus países de origem. Milhares de pastores passaram por Genebra para aprender aos pés dele, e suas obras foram de grande influência tanto para a igreja quanto para seus líderes.

Dentre os escritos de João Calvino, sua principal obra, *As Institutas da Religião Cristã, contendo quase toda a essência da piedade e de tudo o que é necessário saber na doutrina da salvação*, evidenciam seu propósito em despertar a igreja para a piedade. Em suas *Institutas*, capítulo II, “Em que consiste conhecer a Deus e a que fim se propõe o conhecimento”, Calvino diz que a piedade é o requisito para se conhecer a Deus:

Ora, este senso dos poderes de Deus nos é mestre idôneo da piedade, da qual nasce a religião. Chamo *piedade* à reverência associada com o amor a Deus que nos faculta o conhecimento de seus benefícios. Pois, até que os homens sintam que tudo devem a Deus, que são assistidos por seu paternal cuidado, que é ele o autor de todas as coisas boas, daí nada se deve buscar fora dele, jamais se lhe sujeitarão em obediência voluntária. Mais ainda: a não ser que

³⁶ DOUGLAS, J. D. (organizador), *O Novo Dicionário da Bíblia*, p. 1285.

ponham nele sua plena felicidade, verdadeiramente e de coração nunca se lhe renderão por inteiro³⁷.

A piedade não é um atributo que deve ser negligenciado pelo pastor; pelo contrário, a este é atribuída maior responsabilidade, pois este é mestre à sua comunidade, que protesta junto a suas ovelhas o conhecer a Deus. Em *Cartas de João Calvino* (uma coleção de cartas de João Calvino juntadas numa obra magnífica pela editora Cultura Cristã – 2009), há uma citação de Teodoro de Beza sobre o pastor João Calvino: “Foi do agrado de Deus mostrar-nos, pela vida de um homem singular de nossos dias, como se deve viver e morrer”³⁸. Esse livro revela não um teólogo frio e insensível ao seu contexto, mas um pastor de almas, preocupado com seu rebanho até as últimas consequências. O coração pastoral de João Calvino o fez amar Genebra, mesmo com todas as suas dificuldades. Calvino disse:

Embora, para mim, Genebra fosse uma província molesta, jamais me passou pela mente a ideia de abandoná-la. Pois me considerava colocado naquela posição por Deus, como a sentinela no seu posto, do qual seria impiedade minha se me demovesse um único passo. Todavia, penso que você dificilmente me acreditaria se lhe relatasse só a mínima parte das angústias, e não somente isso, mas até mesmo da miséria que tivemos de suportar um ano inteiro. Posso testificar, verdadeiramente, que não se passava nenhum dia sem que eu ansiasse, inúmeras vezes, pela morte. Mas quanto a deixar aquela igreja para ir a outro lugar, tal pensamento jamais me veio à cabeça³⁹.

A mesma preocupação pela piedade pastoral não só se encontram nas *Institutas* e em suas cartas, mas também em seu comentário *Pastorais*, da série *Comentários Bíblicos*, editado pela Editora Fel (2009). Como segue a praxe em seus comentários de quase toda a Bíblia, Calvino faz um comentário exegético de cada versículo nas pastorais, e desafia os candidatos ao sagrado ministério a serem exemplo ao rebanho, como Paulo fez com seus “pupilos”. Comentando o texto de I Timóteo 3:1: “Fiel é a palavra: se alguém aspira ao episcopado, excelente obra almeja”, Calvino diz que o ministério pastoral não é para qualquer um, mas, sim, para homens piedosos:

Portanto, representar o Filho de Deus (*sustinere personam Filii Dei*) não é algo de pouca monta, diante da gigantesca tarefa de erigir e expandir o reino de Deus, de cuidar da salvação das almas, as quais o Senhor mesmo condescendeu comprar com seu próprio sangue, e de governar a Igreja que é a herança de Deus... o apóstolo, porém, está falando, aqui, de um desejo piedoso que os homens consagrados possuem, ou seja, aplicar seu conhecimento da doutrina para a edificação da Igreja...os homens piedosos o

³⁷ CALVINO, João, *As Institutas*, Ed. Cultura Cristã, São Paulo, S.P., 2006, 2ª Ed., p. volume I, p. 45.

³⁸ CALVINO, João, *Cartas de João Calvino*, Ed. Cultura Cristã, São Paulo, S.P., 2009, p. 23.

³⁹ CALVINO, João, p.18.

desejam, não porque tenham alguma confiança em sua própria iniciativa e virtude, mas porque confiam no auxílio divino, o qual é nossa suficiência, no dizer de Paulo (II Co. 3:5)⁴⁰.

João Calvino não era um teólogo frio e insensível frente às necessidades da Igreja de Cristo. Pelo contrário, em seus principais escritos, vê-se o pastor de Genebra amando a igreja, cuidando do rebanho e, principalmente, velando pela sua própria vida espiritual. Burk Parson disse:

João Calvino foi um clérigo para todos os tempos. Era um Reformador, um pastor, um revolucionário. Era um marido altruísta, um pai dedicado e um amigo leal. Mas, acima de tudo, Calvino era um homem de espírito humilde e coração governado pelo Senhor Deus todo poderoso. A oração que norteava sua vida – “Ofereço-Te meu coração, ó Senhor, pronta e sinceramente” – era uma declaração resoluta de rendição ao Senhor, a quem ele procurava amar com toda a sua mente, alma, coração e vigor. Calvino era, antes de tudo, um discípulo de Cristo⁴¹.

A vida piedosa de João Calvino é destacada pelos seus biógrafos. Um deles, Jean Gardier, sintetizou a vida de Calvino assim: Calvino foi um homem que Deus governou⁴². Parson comenta que Calvino foi um homem que se ofereceu sacrificialmente a Deus: família, estudos, pregação etc. Foi um homem que ministrou não para sua glória, para a glória de Deus⁴³.

Em consequência de sempre querer apresentar a glória de Deus, Calvino foi destacado pela sua humildade. Perto da sua morte, ele disse a um grupo de líderes de sua igreja:

Tenho sofrido muitas enfermidades, que vocês têm sido obrigados a suportar. Além, disso, tudo que fiz é indigno. Os ímpios se aproveitarão do que fiz, mas repito: tudo que fiz é indigno, e sou uma criatura miserável. Contudo, posso dizer isto: eu tencionava o melhor, meus erros sempre me desagradaram, e a raiz do temor do Senhor sempre esteve em meu coração. Vocês podem dizer: “Ele tinha boas intenções”. Rogo a Deus que o meu mal seja perdoado. E se houve alguma coisa boa, vocês podem firmar-se por meio dela e usá-la como exemplo⁴⁴.

⁴⁰ CALVINO, João, *As Pastorais*, Editora FIEL, São José dos Campos, S.P., 2009, p. 79,80.

⁴¹ PARSON, Burk (Editor), *João Calvino, amor à devoção, doutrina e glória de Deus*, Ed. FIEL, São José dos Campos, SP., 2010, pg. 19.

⁴² GARDIER, Jean, Op. Cit Burk Parson, pg. 34.

⁴³ Ibidem.

⁴⁴ LAWSON, Steve, *A arte expositiva de João Calvino*, Ed. FIEL, São José dos Campos, SP, 2019, pg. 83.

II.2 – O pastor piedoso e a VOX DEI. Ministros piedosos e a pregação experiencial

Por que é tão importante a pregação? A teologia reformada entende que a vitalidade da igreja está na Palavra de Deus. Quando um ministro do Evangelho, ordenado e investido para sua função, ao apresentar um sermão à comunidade, o mesmo está autorizado como embaixador de Cristo a falar em nome de Deus. II Coríntios 5:20 diz: “De sorte que somos embaixadores em nome de Cristo, como se Deus exortasse por nosso intermédio...”. Assim, o pastor investido fala em nome de Deus. Seu sermão é VOX DEI.

Por que considerar a pregação como Palavra de Deus? Por alguns motivos básicos. Primeiramente, a pregação é a Palavra de Deus porque é a exposição das Escrituras. Em segundo lugar, a pregação é a Palavra de Deus porque o pregador foi enviado e comissionado por Deus como seu embaixador, aquele que tem autoridade para falar em seu nome. Em terceiro lugar, a pregação é a Palavra de Deus no sentido de revelação; ou seja, a revelação da vontade de Deus na História Redentiva. A História da Redenção não terminou. A comissão não terminou, e o pregador, com a mensagem do Evangelho, ainda precisa ser VOX DEI neste mundo em trevas.

Há quase que um consenso entre os estudiosos de teologia que a pregação expositiva é a melhor forma de apresenta todo o conselho de Deus ao homem. E os reformados sempre tinham em mente que a exposição sempre trazia edificação para a congregação. Porém, não era um mero assentimento intelectual, informativo. Tudo isso precisava “descer” ao coração, tornar-se uma experiência de conversão, de vida. A pregação precisa dar direção no dia a dia do ouvinte. A isso chamamos de pregação experiencial.

Joel Beeke, em seu livro “Pregação Reformada” nos diz:

Talvez você já tenha ouvido uma pregação que enche a mente, mas não o coração. Você sai mais informado e mais instruído, porém pouco afetado pela glória de Deus para fazer a vontade de Deus... Talvez você também já tenha ouvido uma pregação que toca o coração, mas não a mente. Ouvi-la pode ser uma experiência emocionalmente comovente. Pessoas saem do culto animadas, energizadas e sentindo-se bem. Mas têm zelo sem conhecimento... A maior tragédia nestes dois abusos da pregação é que cortam a conexão vital entre a verdade e o amor em Cristo (Ef 4:15)... a verdade de Cristo tem de ser infundida no coração, pelo Espírito Santo, a fim de produzir amor. Esse é o tipo de pregação que necessitamos.⁴⁵

⁴⁵ BEEKE, Joel, Pregação Reformada, Ed. FIEL, São José dos Campos, S.P., 2017, pg. 33.

No contexto brasileiro estas polarizações homiléticas e hermenêuticas são bastante comuns. Nos meios pentecostais e neo pentecostais predomina a pregação alegórica, descontextualizada, rasa, visando uma aplicação no dia a dia dos ouvintes. Em outros círculos, principalmente de igrejas mais tradicionais, predomina uma pregação de muita informação, porém de pouca aplicação. Até mesmo em círculos reformados é possível encontrar pregadores com uma mensagem de profundo conteúdo, mas de pouca aplicabilidade na vida diária do povo de Deus. O objetivo da pregação experiencial é informar (conteúdo sólido da Palavra de Deus), e levar o ouvinte a glorificar a Deus pela sua obra redentora. Beeke fala:

Pregação reformada experiencial não é meramente estética, levando as pessoas a saírem dizendo: “Que ideia maravilhosa!” Não é meramente informativa, transmitindo conhecimento sobre a Bíblia e teologia. Não é meramente emocional, aquecendo o coração e produzindo sentimentos fortes. Não é meramente moralista, instruindo e exortando no que é certo ou errado... A pregação reformada experiencial usa a verdade da Escritura para resplandecer a glória de Deus nas profundezas da alma, chamando as pessoas a viverem única e totalmente para Deus. Ela nos quebra e nos refaz. É tanto revigorante quanto humilhante. Essa pregação nos coloca face a face com o Ser mais glorioso e mais prazeroso no universo e com a nossa profunda impiedade. Por meio dessa pregação, o Deus santo liga seu coração ao de homens pecadores, por meio de uma palavra de graça comprada por sangue⁴⁶.

Diante de uma mensagem tão gloriosa, seria necessário o pregador desta mensagem ser um homem santo, piedoso? Obviamente que sim. O subtítulo do livro de Beeke é “Proclamando a palavra de Deus do coração do Pregador para o coração do Povo de Deus”. Neste pensamento, Beeke diz:

De maneira ainda mais simples, poderíamos dizer que o pregador reformado experiencial recebe a Palavra de Deus em seu coração e, depois, transmite-a para a mente, o coração e a vida de seu povo. Não estou dizendo que pregadores que não falam principalmente do conhecimento da mente são inúteis – de modo algum. Eles podem instruir acuradamente as pessoas na verdade de Deus. Podem edificar a igreja. Devemos lembrar que não mudamos as pessoas por nossas experiências. O Espírito Santo muda as pessoas e pode até usar uma pregação deficiente sobre a pessoa de Cristo (Fp 1:15-18). No entanto, quanto mais ele pode usar pregadores cujo coração arde de amor! Se o Espírito tenciona agir no coração dos ouvintes da Palavra, em geral ele age primeiro no pregador da Palavra. Essa é a razão por que pregadores sábios anseiam pelas orações do povo de Deus em favor

⁴⁶ BEEKE, Joel, *Pregação Reformada*, Ed. FIEL, São José dos Campos, S.P., 2017, pg. 35.

do enchimento do Espírito Santo, para que preguem com poder (At 4:8, 29-33; Ef 6:18-20).⁴⁷

Logo, é imprescindível que o ministro do Evangelho possa compreender essa relação de causa e efeito entre o caráter da vida de um homem e sua produtividade como ministro do Evangelho. Lê-se em Mateus 7:17-18: “Assim, toda árvore boa produz bons frutos, porém a árvore má produz frutos maus. Não pode a árvore boa produzir frutos maus, nem a árvore má produzir frutos bons”. Como disse o grande erudito anglicano John Boyes: “Prega mais quem vive melhor”.

⁴⁷ *Ibidem*, pg. 36.

CAPÍTULO 3

RESGATANDO A PRÁTICA DA PIEDADE NO MINISTÉRIO PASTORAL

Se pudesse ser considerado aquilo que tem levado muitos líderes pastorais a falharem em muitas áreas de suas vidas, poderia ser dito que é a falta de disciplina em suas agitadas vidas. Líder é a pessoa que, primeiramente, se submeteu de boa vontade, e aprender a obedecer, segundo uma disciplina imposta de fora, e que, em seguida, impôs a si mesma.

Quais áreas que o pastor precisa disciplinar-se? É lógico que não podemos apresentar um tratado de todos os pontos de sua vida; porém, algumas áreas são mais importantes, as quais passaremos a destacar.

III.1 – Disciplinando sua vida devocional

Profissionais do púlpito caem diariamente. Homens com o coração totalmente entregue para Deus resistem às tentações da vaidade. Para evitar tal desastre ministerial, o líder espiritual precisa buscar na Palavra de Deus seu refúgio e sua dependência cotidianamente.

O pastor não pode negligenciar sua vida de oração. Em nenhum outro setor ele deveria estar mais à frente de seus liderados, do que na vida devocional de oração. Paulo exortou a igreja em Tessalônica: “Orai sem cessar” (I Ts. 5:17). Infelizmente, aquilo que deveria atrair a liderança pastoral, é roubada pelo ativismo profissional do pastorado. O pastor contemporâneo tem sido tudo, menos um homem de oração. Se ele gastasse tanto tempo orando quanto tem gasto em outras áreas da sua vida, perceberia que o combustível da vida poderosa acenderia todas as demais áreas do seu ministério.

Russell Shedd, em seu livro “Adoração Bíblica”, apresenta a oração como um veículo de “valorização da comunhão com Deus...Orar de verdade quer dizer

abandonar a rebelião e aceitar a reconciliação”⁴⁸. Com a queda, o homem encontra grandes dificuldades na oração, pois há medo da intimidade, medo da comunhão. Comunhão reflete amizade íntima e pessoal, e conseqüentemente o homem precisa se desnudar diante de Deus em oração, mostrando suas fraquezas e pecados. C. S. Lewis disse certa vez: “Nós oramos porque precisamos desesperadamente de orar”. A oração é a expressão mais íntima diante de Deus, denotando comunhão e santificação. O exercício da oração gera transformação pelo poder do Espírito Santo; daí porque o homem ora pouco, pois este tem resistência a transformação.

Calvino, mesmo que muitos não saibam, foi alguém que deu valor tremendo na oração. Pouquíssimos estudos têm sido escritos acerca da espiritualidade de João Calvino. O capítulo mais longo das *Institutas* é dedicado à oração, que Calvino chamou de “o principal exercício da fé, mediante a qual recebemos diariamente os benefícios de Deus”⁴⁹. Calvino entendia que a oração era um benefício da graça de Deus, que gera nos crentes transformações reais e verdadeiras. Entre elas, o reconhecimento da dependência de Deus e o desejo de estar próximo do Criador.

Outra disciplina espiritual é a leitura bíblica diária. O pastor não pode negligenciar sua leitura bíblica diária. O profissionalismo ministerial tem feito muitos pastores irem à Bíblia apenas para buscar o sermão do próximo domingo. Não há mais o prazer do Salmo 1, em meditar diariamente na palavra de Deus. O líder pastoral deve ir à Bíblia e principalmente como um discípulo, um servo.

Berkhof afirma que o principal meio usado pelo Espírito Santo para a santificação é a Palavra de Deus. A Escritura apresenta todas as condições objetivas para exercícios e atos santos. Ela é útil para estimular a atividade espiritual apresentando motivos e incentivos, e dá direção para essa atividade por meio de proibições, exortações e exemplos (I Pe. 1:22; 2:2; II Pe. 1:4)⁵⁰. Para Berkhof, a Bíblia é como um manual de espiritualidade, o qual o crente deve seguir, para ter uma vida

⁴⁸ SHEDD, Russell P., *Adoração Bíblica*, (São Paulo, S.P., Ed. Vida Nova, 1987), pg. 77. Shedd nos mostra que no Início, Deus fez o homem à sua imagem e semelhança para que entre o infinito e sua criatura pudesse haver comunhão, pensamento correspondendo a pensamento, coração a coração e vontade a vontade. Com o pecado, houve a rebelião, a comunhão foi gravemente afetada, e é por isso que é preciso haver reconciliação.

⁴⁹ No princípio, Calvino enfrentou uma questão levantada por suas próprias pressuposições teológicas: se a vida cristã inteira, desde o primeiro passo até a perseverança final, é Dom de Deus, por que orar então? Não podemos simplesmente continuar com nossas atividades no conhecimento seguro de que Deus tomará conta de tudo, independente de nossas orações? Os que pensam dessa forma, Calvino dizia, não entendem o propósito pelo qual Deus ordenou a oração - “não é tanto por sua causa, quanto pela nossa” (GEORGE, Timothy, *Teologia dos Reformadores*, pg. 227).

⁵⁰ BERKHOF, Louis, *Teologia Sistemática*, pg. 539.

santa. Isso vai contra o ensinamento católico, que coloca a Igreja como a principal santificadora do homem.

A santificação pela Palavra é algo que é ensinado pela própria palavra de Deus. MacArthur diz sabiamente que a Palavra de Deus é o único instrumento adequado para uma cirurgia radical na alma humana; é “viva, e eficaz, e mais cortante do que qualquer espada de dois gumes...” (Hb. 4:12)⁵¹. Quando a Palavra de Deus é lida, crida e obedecida, ela se torna num meio eficaz para a santificação do crente. A Bíblia cumpre um papel central na santificação porque nas suas páginas “Deus falou na Sua santidade” (Sl. 60:6). Suas palavras compõem o único documento em toda a história que merece o título “As Sagradas Escrituras”. A Bíblia é santa porque nela encontram-se as palavras inspiradas pelo Espírito Santo (II Pe. 1:21). Portanto, a Bíblia produz homens e mulheres santos.

III.2 – Disciplinando suas emoções

John Maxwell conta que uma estatística diz que pessoas com problemas emocionais têm 144% a mais de chances de sofrerem acidentes de carro do que aquelas que não os têm⁵². O índice de enfermidades causadas por distúrbios emocionais é alto no meio ministerial. A lista é grande: gastrites, taquicardias, AVC, infarto etc. Todas estas enfermidades estão relacionadas a problemas emocionais de muitos pastores e líderes.

O esgotamento emocional tem levado muitos pastores a abandonar o ministério. Paul Tripp fala disso, quando narra a carta de um pastor de 45 anos, nos Estados Unidos, que entregou a seguinte carta ao seu conselho local:

Para mim já chega, eu não posso continuar. Eu não consigo lidar com as pressões do ministério. Não consigo me imaginar pregando outro sermão. Não consigo lidar com outra reunião. Para ser honesto, eu teria que dizer que tudo o que eu quero fazer é ir embora. Eu quero deixar o ministério, quero deixar essa região e quero deixar a minha esposa. Não, não tenho um caso amoroso. Eu estou apenas cansado de fingir que eu sou alguém que; na verdade, não sou. Estou cansado de encenar que estou bem, quando não estou. Estou cansado de agir como se o meu casamento fosse bom, quando, na verdade, ele é o oposto polar de bom. Eu não posso pregar no próximo domingo e preciso sair daqui sozinho ou vou explodir. Sinto muito por

⁵¹ MACARTHUR, JR., John F., *Nossa Suficiência em Cristo*, pg. 91. O autor de Hebreus dá esta ilustração, pois naquele tempo as espadas possuíam apenas um lado de corte. A Palavra de Deus era portanto, discernidora (κριτικός), pois traz à mente humana a luz do conhecimento, como se a tirasse de um labirinto onde jazia outrora enredada.

⁵² MAXWELL, John, C., *O líder 360º*, p. 102.

lançar toda essa carga sobre vocês assim, mas para mim chega - não posso continuar⁵³.

III.3 – Disciplinando sua luta contra o pecado

Tanto J.I. Packer quanto J. C. Ryle entendem a experiência de santidade como experiência de conflito. Gálatas 5:17 diz: “Porque a carne milita contra o Espírito, e o Espírito contra a carne, porque são opostos entre si; para que não façais o que porventura seja do vosso querer”. Tais palavras nos alertam para a realidade da tensão, para a necessidade de esforços e para a realização incompleta que caracterizam a vida de santidade neste mundo⁵⁴. A santificação do crente não o impede de experimentar intenso conflito espiritual interior. Por conflito pode-se entender aquela luta no coração, a carne e o espírito, as quais podem ser encontradas juntas em todo crente. Talvez se possa pensar que o crente que sofre este conflito em sua mente não seja verdadeiramente regenerado. Isso não pode ser considerado assim, pelo contrário, Ryle nos diz que “isso seja um sintoma saudável da nossa condição espiritual, mostrando que não estamos mortos, mas vivos. O verdadeiro crente é alguém que não apenas desfruta de paz em sua consciência, mas que também experimenta guerra no seu interior”⁵⁵. Tal afirmação lança por terra a ideia perfeccionista, de que alcançamos a perfeição neste mundo, ficando livre de todo pecado. O coração do mais piedoso crente, em seus melhores momentos, é um campo ocupado por duas forças rivais.

Há uma luta contra a carne, e o crente precisa combater esta luta. Mesmo após sua conversão ele traz consigo uma natureza inclinada para o mal. É a advertência de Jesus: “Vigiai e Orai”. O espírito pode estar preparado, mas a carne é fraca. Há necessidade de um combate diário e de uma luta permanente em oração.

Mas, uma pergunta vem a mente agora: Se já fomos regenerados, se já fomos crucificados com Cristo, se já fomos santificados posicionalmente, por que o crente ainda precisa e vive nesta constante luta entre a carne e o espírito? Neste ponto, encontra-se a familiar tensão paulina entre o indicativo e o imperativo. Ladd diz que, sendo a santificação um evento factual passado (indicativo); ela deve ser experimentada aqui e agora (imperativo). Os crentes foram santificados; logo, têm que se purificar de

⁵³ TRIPP, Paul, p. 26.

⁵⁴ PACKER, J. I., *Na Dinâmica do Espírito*, pg. 106.

⁵⁵ RYLE, J. C., *Santidade*, pg. 44.

todas as máculas⁵⁶. Paulo vê a morte da carne como algo que já aconteceu na morte de Cristo. Aqueles que pertencem a Cristo crucificaram a carne com suas paixões e desejos (Gl. 5:24). Eles se despojaram do corpo da carne na circuncisão de Cristo, isto é, na circuncisão do coração, que é feita por Cristo (Cl. 2:11). Paulo diz: “Já estou crucificado com Cristo” (Gl. 2:20), e “nosso homem velho foi crucificado com ele” (Rm. 6:6). Esta ideia, então, reporta a união com Cristo, que, como já falamos, é o coração da santificação.

Esta morte da carne não é, contudo, algo que funciona automaticamente. É algo de que se apropria pela fé. Envolve dois aspectos. Os crentes têm que reconhecer que a carne foi crucificada com Cristo e, portanto, considerar-se “mortos para o pecado, mas vivos para Deus, em Cristo Jesus” (Rm. 6:11). E, em segundo lugar, por haver morrido com Cristo, o crente precisa mortificar “as obras do corpo” (Rm. 8:13). Estas obras se referem à vida sensual do homem não regenerado. Mas sabemos que este processo se dá com luta, e muito esforço.

Herman Bavinck nos diz uma frase interessante:

A luta [na vida cristã]... é entre o homem interior do coração, criado para ser justo e santo como Deus, e o velho homem que, mesmo que destronado, ainda quer manter sua existência, lutando mais acirradamente à medida que perde terreno... Esta é a luta entre duas pessoas na mesma pessoa... Em cada deliberação e obra do crente, bem e mal estão aí misturados; ... em todos seus pensamentos e ações alguma coisa do velho e alguma coisa do novo homem está presente⁵⁷.

Pode-se concordar com Bavinck em partes. Com certeza há uma luta dentro do crente, mas não pode-se dizer que esta seja o velho homem, pois este já morreu (Rm. 6:6; Cl. 3:9,10). A luta é contra o pecado.

Ainda que os crentes sejam novas pessoas, eles não são perfeitos; ainda têm que lutar contra o pecado. Em Cl. 3:10, que foi citado, o novo ser de que os crentes se revestiram é visto como o ser que foi renovado; essa renovação é um processo que se estende pela vida toda. Em Ef. 4:23, Paulo lembra aos seus leitores que, ainda que tenham se despido do velho homem e revestido do novo, ainda estão “sendo feitos novos”. Na atitude de suas mentes. O infinitivo *ἀνανευσθαί*, traduzido por “fazer novo”, está no tempo presente, indicando um processo contínuo. Os crentes precisam

⁵⁶ LADD, George Eldon, *Teologia do Novo Testamento*, pg. 483.

⁵⁷ HOEKEMA, Anthony, *Salvos pela Graça*, pg. 216. Apud Hoekema cita Bavinck.

ainda lutar contra as tendências do pecado que restam em seu interior. O autor de Hebreus, escrevendo a crentes, diz: "... visto que temos a rodear-nos tão grande número de testemunhas, desembaraçando-nos de todo peso, e do pecado que tenazmente nos assedia, corramos com perseverança a carreira que nos está proposta" (Hb. 12:1). Paulo exorta aos cristãos da Galácia: "Andai no Espírito, e jamais satisfareis a concupiscência da carne" (Gl. 5:16). É preciso lembrar que, mesmo depois de regenerados, os crentes ainda têm impulsos pecaminosos e precisam lutar contra eles enquanto viverem, se quiserem ter vida santa⁵⁸.

Um texto, que é um clássico quando se refere à santidade, é o de Rm. 7:14-25. Paulo conta a sua própria experiência, primeiramente no passado anterior à sua conversão (7-13) e depois no presente, agora que ele está vivo em Cristo de maneira expressa em 6:1-7:6. Assim, os versículos 14-25 são o que parecem ser: o relato de Paulo sobre sua experiência com a lei de Deus na época em que estava escrevendo. Vivo em Cristo, o seu coração se deleita na lei, ele quer fazer o que é bom e reto e, desta forma, observá-la de maneira perfeita (7:15-23). Mas descobre que não consegue alcançar o cumprimento total do que almeja. Sempre que ele mede o que fez, descobre que ficou aquém (v. 23). Diante disso, percebe que o pecado, embora destronado em seu coração, ainda habita em sua natureza manchada. Para Packer, Paulo mostra que a experiência moral do cristão é que seu alvo está sempre além do seu alcance, e seu desejo de perfeição é frustrado pelas energias do pecado que habita no homem, que o transtorna e distrai.

Os versos 24 e 25 são um clamor diante de uma realidade: "Desventurado homem que sou! Quem me livrará do corpo desta morte?" Então, imediatamente, responde a sua pergunta: "Graças a Deus por Jesus Cristo nosso Senhor!"⁵⁹. Paulo, neste verso, proclama que a sua presente imperfeição, resumida na última parte do verso 25, um dia se tornará coisa do passado, através da redenção do corpo, mencionada em 8:23. Todo o capítulo oito é uma resposta divina à limitação e decadência humana. "Agora, pois, já nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus". Citando novamente

⁵⁸ O Novo Testamento frequentemente fala do cristianismo como de uma constante batalha contra o pecado. Aos crentes que se revestam da armadura de Deus para que possam alcançar vitória na luta contra os poderes do mal (Ef. 6:11-13), para combater o bom combate da fé (I Tm. 6:12; cf. II Tm. 4:7), para não satisfazer os desejos da carne (Gl. 5:17), e para resistir o pecado até o sangue (Hb. 12:4). Em I Co. 9:26,27, Paulo fala de sua luta como a de um boxeador: "... assim luto, não como desferindo murros ao ar. Mas esmurro meu corpo, e o reduzo à escravidão, para que, tendo pregado a outros, não venha eu mesmo a ser desqualificado".

⁵⁹ PACKER, J. I., Na Dinâmica do Espírito, pg. 126.

Packer, “... ambos os aspectos da experiência – a dor da imperfeição e a alegria da certeza, da esperança e do progresso espiritual – devem ser nossos de modo constante, consciente e conjunto”⁶⁰.

⁶⁰ PACKER, J. I., pg. 127.

CONCLUSÃO

D. Martyn Lloyd-Jones, em seu livro “Pregação e Pregadores”, diz: “Para mim, a pregação é a mais elevada, a maior e a mais gloriosa vocação para a qual alguém pode ser chamado”⁶¹. Loyd-Jones, no último capítulo da sua obra, fala:

Trata-se da maior incumbência que há no mundo, a mais emocionante, a mais excitante, a mais recompensadora e a mais maravilhosa. Desconheço outra coisa que possa ser comparável, quanto ao que um homem sente ao subir as escadas do púlpito, munido de um novo sermão, para um domingo pela manhã ou domingo à noite, sobretudo quanto esse homem sente que leva uma mensagem da parte de Deus e anela por comunica-la ao povo⁶².

Que maravilha privilégio! Entretanto pudemos perceber como muitos pastores têm negligenciado sua vocação, com um preocupante desprezo a vida piedosa e devocional. Tal descuido, durante a história da igreja cristã e nos dias hodiernos, mostrou que a comunidade local segue seu pastor. Ou seja, se o pastor não demonstra preocupação com a vida piedosa, desconstruindo durante a semana aquilo que pregou no domingo, a igreja fará o mesmo. Por consequência, o povo tem errado o caminho, sucumbindo diante de vários escândalos ministeriais, onde tais pregadores viviam uma verdadeira “esquizofrenia evangélica”, aparentando ser uma pessoa santa no púlpito, mas um inveterado pecador em sua vida particular.

Como solução ao problema, foi proposto um resgate da vida piedosa do pastor, onde o mesmo, tendo consciência da sua vocação e de tão grande responsabilidade, prioriza sua vida devocional e se devota integralmente a consagração de sua vida particular. Isso foi sugerido pela compreensão de que o ministro investido de autoridade é VOX DEI quando prega seu sermão. Também foi sugerido a pregação reformada experiencial, uma mensagem que não apenas informa, mas transforma os ouvintes com o confronto de suas verdadeiras necessidades. Para se chegar a alvo ideal, o ministro precisará de uma administração correta do seu tempo, das suas emoções, de uma luta

⁶¹ LLOYD-JONES, D. Martyn, Pregação e Pregadores, Ed. FIEL, São José dos Campos, S.P., 2003, capa.

⁶² Ibid, p. 218.

contra o pecado diária. Como resultado desta disciplina, haverá unção do Espírito Santo na proclamação do Evangelho, credibilidade daquele que anuncia os oráculos de Deus, e produzirá uma comunidade mais santa e piedosa, vendo o exemplo do seu pastor.

**“Ó Senhor Deus, amado Pai celestial, sou de fato indigno do ofício e ministério no qual me encontro, para fazer Tua glória e pra nutrir e servir a esta congregação”
(Martinho Lutero)⁶³**

⁶³ MACARTHUR, John, *O Pastor como Pregador*, Ed. Peregrinos, Eusébio, CE, 2015, p. 193.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARMSTRONG, John (organizador), *O ministério pastoral segundo a Bíblia*, Ed. Cultura Cristã, São Paulo, S.P., 2007.

ASCOL, Thomas K., (compilador), *Amado Timóteo*, Ed. FIEL, São José dos Campos, S.P., 2005.

BAXTER, Richard, *Manual Pastoral de Discipulado*, São Paulo, S.P., Ed. Cultura Cristã, 2008

BROWN, Colin, *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*, Vol. II, São Paulo, S.P., Ed. Vida Nova, 2000.

CALVINO, João, *As Institutas*, Ed. Cultura Cristã, São Paulo, S.P., 2006, 2ª Ed., p. volume I.

CRISTIANISMO HOJE, revista, Ed. 28, ano 5, abril a maio 2012.

DOUGLAS, J. D. (organizador), *O Novo Dicionário da Bíblia*, São Paulo, S.P., Ed. Vida Nova, 1997.

GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*, São Paulo, S.P., 1991.

HOEKEMA, Anthony, *Salvos pela Graça*, Cultura Cristã, SP, 2000.

KEMP, Jaime, *Pastores em Perigo*. Ajuda para o pastor, esperança para a Igreja, São Paulo, S.P., Ed. SEPAL, 1995.

LAWSON, Steve, *A arte expositiva de João Calvino*, Ed.FIEL, São José dos Campos, SP, 2019.

LOYD-JONES, D. Martyn, *Pregação e Pregadores*, Ed. FIEL, São José dos Campos, 2003.

MACARTHUR, John, *O pastor como Pregador*, Ed. Peregrinos, Eusébio, CE, 2015.

MAXWELL, John C., *O líder 360º*, Ed. Thomas Nelson Brasil, Rio de Janeiro, R.J., 2007.

MURRAY, John, *Redenção – Consumada e Aplicada*, Ed. Cultura Cristã, São Paulo, S.P., 2012.

NICODEMUS, Augustus, *O que estão fazendo com a igreja?* Ed. Mundo Cristão, São Paulo, S.P., 2008.

PETERNSON, Eugene, *Um pastor segundo o coração de Deus*, Ed. Textus, Rio de Janeiro, R.J., 2001.

PARSON, Burk (Editor), João Calvino, amor à devoção, doutrina e glória de Deus, Ed. FIEL, São José dos Campos, SP., 2010.

PIPER, John, *Irmãos, nós não somos profissionais*, Ed. Vida Nova, 2009.

ROMEIRO, Paulo, “*Evangélicos em crise*”, Ed. Mundo Cristão, São Paulo, S.P., 1995.

ROMEIRO, *Super Crentes: O evangelho segundo Kenneth Hagin, Valnice Milhomens e os profetas da prosperidade*, Ed. Mundo Cristão, São Paulo, S.P., 1998.

RYLE, J. C., *Santidade sem a qual ninguém verá o Senhor*, Ed. FIEL, São José dos Campos, S.P., 2009.

SPURGEON, R. C., *Lições aos meus alunos*, vol. 2, Ed. PES, São Paulo, S.P., 1990.

TRIPP, Paul, *Vocação perigosa*, Ed. Cultura Cristã, São Paulo, S.P., 2014.